



BORDANDO POESIAS, TECENDO HISTÓRIAS

Embroidering poetries, weaving stories

Battisti, Francisleth Pereira; Mestra; Instituto Federal Catarinense,
francisleth.battisti@ifc.edu.br
Souza, Gabrielle Polline Leite de; Graduanda; Instituto Federal Catarinense,
gabriellepollineleitedesouza@gmail.com
Pereira, Arlete; Educadora Especial, Voluntária do Projeto
arletepereira2009@gmail.com

Resumo: O Projeto de Extensão do Instituto Federal Catarinense oferece um ambiente de troca e aquisição de saberes a partir do bordado manual livre, com a utilização de poesias do poeta catarinense Lindolf Bell. Em parceria com o Centro de Referência de Assistência Social o projeto atende dois públicos, um grupo de mulheres em situação de vulnerabilidade social e outro de idosas. O bordado possibilita confidências, ponto a ponto se revelam histórias femininas tecidas nas tramas sociais.

Palavras-chave: Bordado; Poesias; Moda; Educação.

Abstract: The Extension Project of the Catarinense Federal Institute offers an environment of exchange and acquisition of knowledge from free manual embroidery, with the use of poetry of the poet of Santa Catarina Lindolf Bell. In partnership with the Reference Centre for Social Assistance the project serves two audiences, a group of women in situation of social vulnerability and one of elders. The embroidery allows confidences, point to point women's woven stories are revealed in the plots.

Keywords: Embroidery; Poems; Fashion; Education.

Introdução

Esse artigo relata a experiência em andamento do Projeto de Extensão do

1





Instituto Federal Catarinense (IFC - *Campus Ibirama*) “Tecendo Palavras, Bordando Poesias”. O Projeto teve início no mês de março de 2018 e nasceu do desejo de atingir uma parcela da população que, em geral, está fora da instituição escolar, nossa motivação era trabalhar com mulheres idosas, por meio da técnica do bordado manual, a partir de poesias de poetas catarinenses. Esse desejo se estendeu para o atendimento também de um grupo mulheres em situação de vulnerabilidade social, atendidas pelo CRAS (Centro de Referência em Assistência Social - Prefeitura Municipal de Ibirama).

A escolha de trabalhar com o bordado manual livre se deu para propiciar um espaço coerente com a prática dessa arte criativa, com liberdade para diálogo/discussão de temas que poderiam surgir, para a criação de desenhos(riscos) e não apenas a reprodução de desenhos prontos. Acreditamos que o bordado pode trazer o cuidado, a concentração e a minúcia para a vida das participantes.

Nossos objetivos com a implantação desse Projeto foram a) o resgate da história sobre/com as idosas de Ibirama (resgate de suas artes e fazeres manuais), narrados nas rodas de conversa e bordado; b) perspectiva de formação continuada (ao longo da vida) para pessoas que estão fora da escola, uma Educação de Jovens e Adultos por meio de oficinas, encontros e troca de saberes; c) possibilidade de ampliar a visibilidade do IFC em sua relação com o município e espaços públicos de atendimento (CRAS), importância do Projeto de Extensão e visibilidade do mesmo por vários meios, mídias, exposições, eventos etc; d) saúde e bem-estar dos grupos atendidos; e) possibilidade de geração de renda; ou customização de peças de roupas; e f) valorização de Ibirama, do IFC, do curso de Design de Moda, da bolsista, do CRAS, das participantes, pelo viés da oralidade, leitura, escrita e produção e exposição de poesias bordadas.





A metodologia adotada para o desenvolvimento do Projeto foi: a) encontros dialogados com atividades e atendimento individual das participantes; b) troca de saberes/conhecimentos; c) organização e exposição dos trabalhos; e d) certificação: o Projeto prevê 20 encontros presenciais (quinzenais) com duração de 3h cada. Participantes com 75 % de frequência receberão certificado do curso com carga horária total de 60 horas. O Projeto ocorre as segundas-feiras com o grupo de mulheres e as quartas-feiras com o grupo de idosas, com a participação da coordenadora, da aluna bolsista, de uma voluntária e das profissionais que atuam no CRAS, psicólogas e assistentes sociais.

O referencial teórico adotado para o Projeto é o conceito de educação ao longo da vida, pois elimina a distinção entre educação formal inicial e educação permanente. Possibilitando a educação de todos, para oferecer uma segunda ou terceira oportunidade; saciar a sede de conhecimento, beleza ou superação de si mesmo; ou, ainda, ampliar as formações associadas às exigências da vida profissional, incluindo formações práticas. A educação ao longo da vida se aproveita de todas as oportunidades oferecidas pela sociedade (DELORS, 1998).

1. Extensão – Tecendo Palavras, Bordando Poesias

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós". (CORA CORALINA)

Ibirama é uma pequena cidade da região do Alto Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina, com população aproximada de 17447 habitantes. Nela está inserido um campus do Instituto Federal Catarinense, o qual possui o curso Tecnológico de Design de Moda, que objetiva propiciar ao mercado de trabalho





profissionais com capacidade para elaborar e gerenciar projetos para a indústria de confecção do vestuário, considerando fatores estéticos, simbólicos, ergonômicos e produtivos.

O IFC baseia sua atuação em três dimensões: Ensino, Pesquisa e Extensão, nesse sentido a extensão apresenta uma interface entre o saber produzido no interior da instituição com a cultura local e desta com a cultura institucional. A extensão fomenta uma trajetória para transformação da sociedade, transforma-se a si mesma e transforma sua relação com os outros “fazeres” institucionais - ensino e pesquisa.

O intuito foi desenvolver um Projeto alicerçado em uma concepção de extensão a serviço de um processo transformador, democrático e emancipatório, pautado no diálogo e respeito a cultura local, baseando-se no pensamento freiriano de que “todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre” (FREIRE, 1981, p.79).

Nossa concepção de educação e de prática educacional está alicerçada no conceito de que

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1996, p. 25).

O ser humano, “como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber” (FREIRE, 1981, p.47). Nesse sentido, os dois grupos de bordado se tornaram espaço de aquisição de saberes, mas principalmente um ambiente rico para a troca de

4





conhecimentos e experiências. Nossa postura nas relações estabelecidas com o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e com as usuárias do equipamento municipal foi de horizontalidade.

Baseamos nossas ações na ideia de que “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educandos. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos.” (FREIRE, 1983, p.28). Assim,

Como educador preciso de ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que se chamo ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’. (FREIRE, 1996, p.81).

O Projeto se iniciou com apresentação das participantes do grupo e dos materiais. Fizemos um diagnóstico sobre a escrita e leitura, os conhecimentos de poesias, versinhos, frases, provérbios ou frases regionais. Realizamos a apresentação do autor Lindolf Bell (poeta nascido em Timbó-SC, uma cidade da região) e a leitura de algumas de suas poesias. Iniciamos os encontros aprendendo o Ponto de Alinhavo e Ponto Atrás (reto). Nossa primeira atividade foi escrevermos e bordamos o nome próprio no tecido. Nessa ocasião as participantes assinaram um termo de autorização de imagem para que pudéssemos fotografar nossos encontros e atividades.

Aprendemos o Ponto haste e Correntinha, escrevemos e bordamos o sobrenome no tecido. Aprendemos o Ponto cheio e Nozinho Francês,





selecionamos e escrevemos a poesia no tecido. Aprendemos o Ponto Margarida e Rococó, desenhamos no tecido algum ornamento: flores, folhas ou pássaros. Aprendemos o Ponto Escama de peixe e Rede (ponto Russo e redinha). Aprendemos o Ponto Folha e Caseado, Correntinha/Variação/Coração e Ponto Areia. Também, o Ponto Cordonê, Cesta e Ponto Invisível; variações do Ponto de Alinhavo e Ponto Atrás (reto); variações do Ponto Haste e Correntinha/Cadeia; variações do Ponto Cheio/Matiz e Nozinho Francês; variações do Ponto Margarida e Rococó; variações do Ponto Escama de peixe e Rede; variações do Ponto Folha e Caseado; variações do Ponto Correntinha/Coração e Ponto Areia; e variações do Ponto Cordonê, Cesta e Cada participante criou um pequeno mostruário com os pontos aprendidos, conforme figura 1 .



Figura 1: mostruário de pontos.
Fonte: Elaboração das autoras, 2018.

A leitura e escrita foi trabalhada em todos os encontros, mesmo as mulheres não alfabetizadas, com auxílio, conseguiram realizar os bordados.





Com um lápis de grafite 6B escrevemos os nomes no tecido a ser bordado, depois escolhemos e escrevemos um poema. Nesse processo cada letra, cada palavra, cada frase e sua grafia precisava ser pensada e repensada: tamanho, estilo (forma ou cursiva), posição no tecido e cores escolhidas. Ouvir a leitura de um poema, escrever com lápis no tecido e bordar suas letras e/ou ornamentos se tornaram prática comum em nossos encontros.

2. Grupo de Idosas – Manhãs Bordadas

Na África se diz, quando morre um ancião desaparece uma biblioteca, desaparece um saber. O provérbio pode variar de um continente a outro, mas seu significado permanece em diversas culturas. As pessoas idosas são conexões entre o passado, o presente e o futuro. A sabedoria e experiência constituem uma ligação vital para o desenvolvimento da sociedade (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013). É com esse pensamento que iniciamos nossa fala sobre o grupo de idosas e nossos encontros para as atividades do bordado.

Logo no início da apresentação sobre o bordado livre muitos conhecimentos foram trazidos pelas participantes idosas. Todas queriam falar, quase ao mesmo tempo, carregam consigo as lembranças do muito que sabiam e haviam esquecido ou que haviam deixado de lado ao longo da vida. Trouxeram os relatos das atividades não só de bordados, mas também de várias modalidades de manualidades feitas pelas avós, mães e conhecidas ao longo da vida. Elas falaram sobre vários outros tipos de bordados, ponto cruz, vagonite, aplicação, ponto russo, patchwork, tricô, crochê, macramê, pintura em tecido, fuxico entre outros.

A troca de conhecimentos durante nossos encontros foi intensa, a começar pelos nomes dos pontos dados ao bordado que foi se modificando ao longo do





tempo. Os tipos de tecidos, bem como os materiais usados no passado e que sofreram mudanças em sua forma ou nome ou mesmo a própria prática/processo de elaboração que foi se modificando ou caindo em desuso com o passar dos anos. E assim, entre um ponto e outro, uma laçada e outra íamos entremeando nossos saberes com os delas e os de seus antepassados. Aprendíamos enquanto ensinávamos.

Figura 2:Grupo de idosas.



Fonte: autoria própria, 2018.

Figura 3:Grupo de idosas, detalhe.



Fonte: autoria própria, 2018.





Nossos encontros foram (tem sido) uma oportunidade de mobilizar afetos e saberes, permeado pela construção da confiança mútua e do fortalecimento de vínculos propiciado pelo fazer manual. O grupo iniciou ressaltando apenas suas dificuldades e supostas limitações para a prática do bordado e da leitura. Algumas diziam sobre a dificuldade em enxergar, em colocar a linha na agulha, em ter um ponto uniforme e até mesmo em chegar ao local dos encontros dada a dificuldade de transporte.

Aos poucos todas essas colocações foram sendo superadas dia a dia e as falas que foram tomando lugar foram sobre suas vidas, seus anseios, tristezas e alegrias, questões relacionadas à família, filhos, netos, genros, noras, companheiros, aposentadoria, saúde, namoro, sexo, solidão, depressão,... e ultimamente a preocupação na continuidade dos encontros e em como se organizarem para continuar bordando e ter nessa atividade uma fonte não só de lazer para algumas, mas também uma fonte de complementação de renda, para outras.

3. Grupo de Mulheres – Segundas cantadas

No grupo de mulheres encontramos um cenário distinto do grupo de idosas. As participantes são mais jovens e trazem outras histórias de conhecimentos passados e fatos mais recentes de suas vidas. As conversas ficaram por conta dos acontecimentos diários e há mais pressa no fazer e no interesse em aprender.

A troca de conhecimentos do grupo passa por receitas culinárias, dicas para higiene, diálogos sobre a criação dos filhos, trabalhos manuais e o bordado em si. Algumas participantes trazem a questão da violência doméstica, da dependência de químicos, das relações familiares e do lazer. No geral são mulheres com idades entre



25 e 35 anos, elas têm sonhos em conseguir empregos, formar família, viajar e “ser alguém na vida”.

Os primeiros encontros foram marcados por conversas sobre a vida pessoal de cada uma delas e quase sempre trazendo relatos de passagens difíceis que viveram ou que ainda vivem. Com o passar dos encontros elas foram encontrando calma na atividade de bordar e aos poucos as conversas foram se modificando, começaram a surgir, risos, lembranças alegres da infância, e suas potencialidades começaram emergir, por fim começaram a cantarolar.

Atualmente os encontros são marcados por muita cantoria. Cantam de tudo um pouco, música sertaneja, música popular brasileira e até mesmo cantigas infantis. A escolha pelos temas a serem bordados (riscos) tem sido aves, flores, borboletas e a escolha é por cores claras e vivas.

Figura 4: Bordado poesia e flores.



Fonte: Elaboração das autoras, 2018.



A interação com as demais profissionais do equipamento tem sido amistosa e afável. Vale ressaltar que nos dois grupos tanto o das mulheres como no das idosas as profissionais do CRAS têm participado das atividades fazendo também elas seus bordados. Nos encontros articulamos leituras relacionadas ao bordar, tecer, criar... Em uma dessas atividades fizemos uma leitura adaptada da história de “A moça tecelã” de Marina Colasanti que proporcionou discussões riquíssimas. Na história original a moça tecelã tece para si um companheiro, e a pedido desse segue tecendo tudo o mais que ele lhe pede: castelo e riquezas. Ao final, cansada ela decide desfazer tudo o que criou e voltar à simplicidade de apenas tecer para si a felicidade desfazendo inclusive o próprio companheiro. Esta metáfora foi pano de fundo para reflexões entre as participantes sobre suas vidas e prioridades, sobre o que lhes dá felicidade e principalmente sobre a autonomia de decidir o que é melhor para si.

Notamos recentemente que o grupo já começa a ter independência e autonomia, elas se ajudam entre si, ensinando os pontos, os acertos e sugerindo novas ideias sem mais se apoiarem somente na professora, bolsista ou voluntária. Trazem para os encontros suas próprias contribuições ensinando - as técnicas diversas de acabamentos como desfiados e crochês. Começaram também a buscar por si mesmas mais informações na internet, no Pinterest e nas lojas de aviamentos da cidade. Os dois grupos têm solicitado que os encontros sejam semanais, para que tenham mais tempo juntas bordando, além de algumas já esboçarem o interesse por se organizarem para produzir os bordados, divulgar e vender.

Considerações Finais





“A arte não se ensina, é impossível ensinar. Assim como não se ensina ninguém a ser a criativo, a ser artista, isso é impossível.” (FAYGA OSTROWER)

Em cinco meses de Projeto nosso balanço é muito positivo, criamos laços com essas mulheres, suas potencialidades vieram à tona, temos a cada encontro possibilitado a criação de registros do vivido. Os grupos de bordado se tornaram espaço para fortalecimento da autonomia e identidade. Nossa intenção não era ensinar a arte do bordado, e sim utilizar-se do bordado manual livre para acessar nossas possibilidades criativas.

As narrativas que surgiram coloriam nossas artes em uma ação libertadora e expressiva de vida, fomos criando o direito ao improviso, o direito ao criativo, remando contra as previsibilidades, contra o estabelecido, nossa conspiração era contra o tradicionalismo do ensinar. Nossa escuta com sensibilidade se tecia nas variações de pontos, nossas conexões se davam entre o mundo real e imaginário, nossas agulhas e linhas bordavam o patrimônio cultural e imaterial brasileiro.

Nas relações tecidas entre beleza e falta de beleza, entre o ponto belo e não belo, na aceitação de um avesso imperfeito, assim como nossas experiências na vida, fomos aceitando que nosso bordado nunca terminaria, pois sempre surge um ponto ou pesponto novo a acrescentar. Sempre temos algo novo a aprender, melhorar, nossa formação humana, espontânea, inventiva e observadora foi se dando enquanto bordamos nosso Ser, enquanto unimos sagrado e humano nas urdiduras da Vida.

Nossos encontros se tornaram um laboratório de reconstrução da vida, no qual os matizes são tecidos fio a fio, com temas cotidianos nos conectamos com

12





o prazer de compartilhar nossas vidas, nos recortes dos relatos, nas narrativas, nas linhas dos poemas e poesias, tecemos a escrita da Vida. Nossas trocas possibilitam existências solidárias pautadas nos diálogos, permeadas de verso e prosa, as quais incentivam o fortalecimento de identidades perdidas (do fazer manual). Os fios da linguagem nos enriquecem, na contação de “causos” e acontecimentos e vamos escrevendo nossas gargalhadas, cantando os amores, as saudades, as lembranças, o fazer do dia a dia e assim vamos rompendo as estratégias de silêncios que nos habituamos no cotidiano.

Os relatos de descaso familiar, o abandono de alguns parentes, as situações que nos incomodam, nossos corações partidos, nossos estilhaços de dores, nossas dificuldades de saúde, de locomoção, nossa condição financeira, nossos desamores e doenças, nossos percalços se desnovelam, na convivência amorosa e criativa nossos relatos se tornam canções.

Pintamos e escrevemos a vida, vivendo criativamente, nossos encontros incentivam ternuras do amor e do coração, nossas vozes povoam a sala, ouvimos para curar, nossas idades são esquecidas e nossas memórias são trazidas à tona. A arquitetura de nossas peles se entrelaça em abraços, as palavras nuas dos poemas nos incentivam transbordar, vazando bordas, bastidores, fronteiras e limites.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.





FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 9ª edição. Rio de Janeiro; Paz e Terra. 1983

CÂMARA DOS DEPUTADOS, **Seminário *Um olhar atualizado sobre a velhice***. 01/10/2013 Disponível em:

<http://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=1552/13&nuQuarto=0&nuOrador=0&nulnsercao=0&dtHorarioQuarto=09:30&sgFaseSessao=&Data=1/10/2013&txApelido=SEGURIDADE%20SOCIAL%20E%20FAM%C3%8DLIA&txFaseSessao=Semin%C3%A1rio&txTipoSessao=&dtHraQuarto=09:30&txEtapa=>. Acesso em 05 ago 2018.

DELORS, Jacques; NANZHAO, Zhou. **Educação um tesouro a descobrir**. 1998.

